

A PRODUÇÃO CULTURAL ELABORADA PARA CRIANÇAS E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE INFANTIL E O DESENVOLVIMENTO DA CURIOSIDADE

Priscila de Oliveira Dornelles
pridornelles@hotmail.com
<http://lattes.cnpq.br/1624869090808283>

Paulina de Almeida Martins Miceli
paulina_miceli@yahoo.com.br
<http://lattes.cnpq/4111752522001166>

RESUMO

O presente artigo pretende trazer uma reflexão acerca da influência da produção cultural elaborada para crianças (mídia, literatura e brinquedos) sobre as infâncias; e a formação da identidade infantil, como tal produção se apropria dos dispositivos das culturas infantis e como estas são afetadas pelos elementos simbólicos da cultura. Para tanto foram analisados episódios cotidianos e *posts* de uma rede social envolvendo crianças.

Como interlocutores na elaboração deste artigo trabalhamos com os Estudos Sociais da Infância com Marchi (2009), Corsaro (2011) e Sarmento (2002) para tratar das concepções de infância e criança, além da formação de suas culturas; com Hall (1997) e Kramer (1998) para desenvolver os conceitos de cultura na contemporaneidade; e com Ceccantini (2009) para trazer as questões atuais do campo da leitura.

Palavras-chave: criança – produção cultural para criança – culturas infantis - leitura

Introdução

Mês de julho, mês de férias escolares, num momento de dispersão ao acessar uma rede social nos deparamos com elas a todo tempo, as crianças. Crianças no shopping, crianças na praia, no quintal, crianças na colônia de férias, crianças no parque, crianças... E, em meio a uma pesquisa que estuda a biblioteca infantil e a relação da criança com a leitura de uma das autoras, é claro que sentimos falta dos livros. Será que elas tiveram contato com eles durante esse período? Será que férias é um momento para estar com os livros? A resposta para as duas perguntas pode até ser positiva, mas concluo, como

usuária da rede, que esse momento não tenha sido tão significativo quanto os outros para estar lá, estampado na página inicial de seus pais.

Tal episódio do cotidiano nos estimulou refletir um pouco sobre a relação da criança com a cultura e como as relações com seus pares podem contribuir para a formação da cultura leitora desde a infância. Para tal reflexão trazemos os estudos da Sociologia da Infância sobre as culturas de pares das crianças de William Corsaro (2011), a influência da globalização da cultura no comportamento humano através dos estudos de Stuart Hall (1997) e as reflexões de Ceccantini (2009) sobre a leitura na atualidade.

Culturas Infantis

Os Estudos Sociais da Infância compreendem esta etapa da vida como uma construção social e, portanto, trazem a crítica ao modelo moderno de infância desconstruindo a visão de que ela seria algo “natural e universal”¹ a todos e que as crianças seriam objetos passivos de socialização inseridos em uma ordem social adulta. Ao reconhecer a criança como sujeito ativo, a Sociologia da Infância afirma a importância da criança enquanto agente construtor da sociedade; que é influenciado por ela, mas que também a influencia. Desta forma a SI tem um papel crucial na discussão sobre o lugar da criança na sociedade e sobre as relações de poder entre as gerações (Marchi, 2009, p. 228).

Ao observarmos as crianças e suas rotinas em diferentes lugares do mundo podemos compreender que não existe apenas uma infância e sim, diferentes infâncias, pois cada criança, até mesmo de uma mesma região do globo, vive suas experiências de modo bem singulares. É preciso considerar os diversos fatores que regem o contexto em que cada criança está inserida: econômicos, culturais, sociais e políticos. A infância não pode ser estudada como algo isolado já que vem a ser a porta de entrada para a compreensão de muitos fenômenos presentes no mundo contemporâneo.

De acordo com Corsaro (2011),

1 Grifo da autora.

em suas infâncias particulares, as crianças são, como adultos, participantes ativos em atividades organizadas (por exemplo, estão envolvidas na produção econômica e no consumo). Elas afetam e são afetadas por grandes eventos e transformações sociais (p. 43).

Com isso, podemos inferir que as crianças não se limitam a imitar apenas o que fazem os adultos, elas interpretam a seu modo a realidade e a cultura e as reproduzem a partir de sua compreensão, e dessa maneira produzem suas culturas, as culturas infantis. A partir desta afirmativa, não podemos considerar o desenvolvimento infantil como sendo algo linear, em que se *supõe que a criança deva passar por um período preparatório na infância antes de poder evoluir para um adulto socialmente competente*, como nos faziam crer as teorias do desenvolvimento (Corsaro, 2011, p. 36), posto que a compreensão de mundo da criança está a todo tempo afetando a realidade e sendo afetada por ela.

Por meio do processo de reprodução interpretativa, a criança participa e amplia a cultura adulta, pois ela se apropria de maneira criativa do que observa no convívio com os adultos, faz suas negociações com eles e recria à sua maneira com outras crianças, a partir de diversas culturas de pares, que Corsaro (2011) definiria como *um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham em interação com as demais* (Corsaro, 2003; Corsaro e Eder, 1990 apud Corsaro, 2011, p. 128).

Ao compreender como as crianças se apropriam criativamente da cultura adulta e contribuem para a produção cultural a partir da troca que estabelecem em suas culturas de pares, torna-se fundamental pensar em como as culturas familiares se constituem, por serem as famílias os primeiros grupos sociais dos quais as crianças participam, tornando-se assim fortes influências que colaboram diretamente para a formação das culturas infantis. O modo como as crianças participam de suas rotinas culturais determina suas ações enquanto membro de suas culturas de pares e sua relação com o adulto.

A participação das crianças nas rotinas adulto-criança muitas vezes gera perturbações ou incertezas em suas vidas. Essas perturbações (incluindo confusão, ambiguidades, receios e conflitos) são um resultado natural da interação adulto-criança, tendo em conta o poder

dos adultos e a imaturidade cognitiva e emocional infantil. Embora as crianças desempenhem um papel ativo na produção de rotinas culturais com adultos, elas geralmente ocupam posições subordinadas e são expostas a muito mais informações do que podem processar e compreender. Certamente, muitas confusões, medos e incertezas são tratados à medida que surgem na interação adulto-criança. No entanto, uma suposição importante da abordagem interpretativa é que características importantes das culturas de pares surgem e são desenvolvidas em consequência das tentativas infantis de dar sentido e, em certa medida, a resistir ao mundo adulto. (Corsaro, 2011, p. 128 e 129)

Como a principal inspiração para a escrita deste artigo foi a ausência de fotos de crianças com livros nos *posts* de seus pais, em uma rede social, propomos agora a leitura e reflexão sobre os estudos de Corsaro (2011) acerca da formação da **cultura simbólica da infância**², para justificar o motivo de meu incômodo com essa ausência. Sendo os adultos (pais) os primeiros mediadores no contato da criança com os elementos que formam sua cultura, elementos que colaboram para a constituição de suas crenças e valores, pensar na postura do adulto diante da exposição de tais elementos e como se dá a recepção destes pelos pequenos nos diz muito sobre a maneira como estes últimos virão a construir seus saberes.

Segundo Corsaro (2011) *as três fontes primárias da cultura simbólica da infância são: a mídia dirigida à infância (desenhos, filmes e outros), a literatura infantil (especialmente os contos de fadas) e os valores míticos e lendas (Papai Noel, a Fada do Dente e outros)* (p. 134). Logo, a criança se apropria destes elementos e os recria na medida em que participam de suas culturas pares. O modo como tais fontes chegam às crianças, a escolha daquilo que é pertinente à sua faixa etária, as indagações advindas dos adultos e as respostas dadas de maneira respeitosa à forma peculiar como elas os indagam propiciam o diálogo reflexivo entre adultos e crianças e possibilitam a formação de um comportamento crítico diante da realidade que lhes é apresentada.

Produção Cultural para a Infância

2 Grifo do autor.

Como seres inseridos numa cultura capitalista regida pela lógica do consumo, Sarmiento (2002) nos alerta para o carácter mercadológico ao qual estão submetidos os dispositivos culturais elaborados para as crianças. Assim como deveriam se orientar os elementos constitutivos da cultura escolar, tais dispositivos só serão reproduzidos de forma sucessiva se forem bem recepcionados por seus consumidores. O autor explica que a universalização de muitos produtos da indústria cultural para as crianças se dá pela empatia que conquistam junto ao imaginário dos pequenos, logo o sucesso de vendas de alguns artigos infantis se dá muito mais pelo valor simbólico cultural que lhes é atribuído do que por sua capacidade lúdica (p. 5 e 6).

Sarmiento cita ainda a boneca *Barbie* como um bom exemplo de “status infantil”, para ele, a posse da boneca caracteriza uma situação de poder, lhes imputa uma distinção social, e isso incute à boneca mais valor do que suas capacidades lúdicas (p. 5 e 6).

Isso explica o diálogo informal que tivemos com uma menina de 6 anos durante o período em que elaborava este ensaio. Não vou informar seu nome, pois não lhe pedi autorização para isso. Em meio a um quintal amplo a céu aberto, de chão de terra, ela segura uma boneca Poly e uma bolsinha com seus apetrechos, e mostra a uma das autoras que a aconselha:

- *Essa é a Poly? Cuidado pra não perder suas pecinhas porque são muito pequenas.*

A menina prontamente:

- *Eu tenho sete!*

Dando ênfase a quantidade de bonecas, eu pergunto:

- *Sete? Não seriam bonecas demais?*

Ela responde empolgada:

- *Tenho 33 Barbies!*

- *Nossa, são muitas Barbies! Lembra todos os modelos que você tem? Você não pensa em doar algumas?*

- *Não, também tenho 12 “Monster High”!*

- *Doze? São mais do que os modelos do desenho. Quantas “Monsters High” diferentes existem no desenho?*

- *Um milhão!*

Refletindo sobre essa conversa, à luz dos estudos de Sarmiento, identificamos a necessidade da criança em ter a boneca simplesmente por ter, pelo *status* de poder dizer

que a tem em grande número, talvez em diálogo com seus pares isso lhe seja a possibilidade de pertença a um grupo determinado, pois não vejo a ocasião em que vá brincar com todas ao mesmo tempo ou com algumas delas em um curto espaço de tempo. Sarmiento (2002) citando Kenway e Buellen (2001) nos elucida ainda mais esta realidade quando nos afirma que *'A publicidade no seu melhor faz com que as pessoas sintam que sem o seu produto você é um perdedor. As crianças são muito sensíveis a isso.'* (Kenway e Buellen, 2001, apud Sarmiento, 2002, p. 46).

Sarmiento (2002, p. 6) nos mostra que essa conquista da empatia das crianças pelos produtos produzidos pela indústria cultural infantil requer estudo sobre a interpretação sociológica das culturas da infância, como forma de compreender a própria infância. A indústria propaga seus produtos visando o lucro e, mais ainda, a expansão de mercado, compreendo que aos adultos que compõem o universo de convívio da criança (educadores, familiares) cabe a observação quanto à recepção de tais produtos pelos pequenos já que, segundo o autor e seguindo o conceito de reprodução interpretativa, se pode comprovar que as crianças não são meros receptores passivos dessa cultura.

Uma das conclusões mais insistentemente afirmadas na análise da recepção dos produtos da indústria cultural pelas crianças, nomeadamente no que respeita aos programas televisivos, é de que, contrariamente ao que é correntemente veiculado pelo senso-comum, as crianças não são receptoras passivas, acríticas e reprodutivas desses produtos, mas, pelo contrário, ainda que se estabeleça uma relação empática, essa recepção é criativa, interpretativa e frequentemente crítica das respectivas mensagens. (Buckingham, 1994 e 200 e Pinto, 2000 *In* Sarmiento, 2002, p. 7)

Portanto, o domínio do conteúdo desta produção veiculado às crianças se torna fundamental aos adultos se pensarmos o quanto a indústria do consumo se faz presente nas mídias e produtos direcionados a elas. Tal conteúdo, assim como a cultura adulta, virá a ser interpretado e reproduzido pelas crianças em seus diálogos e perpassado em suas culturas de pares. O desenvolvimento da visão crítica infantil, perante os dispositivos da cultura consumista e imediatista pode e deve ser estimulado pelos adultos principalmente se considerarmos que tais itens, quando constituidores de uma lógica de sistema neoliberal, possuem tão somente a intenção de fortalecer a lógica do mercado,

produzindo a ideia de que “o bom é ter” e colaboram para a anulação de conceitos culturais históricos.

Cultura na contemporaneidade

Em seus estudos sobre cultura contemporânea e identidade, Stuart Hall (1997) reconhece o ser humano enquanto ser interpretativo e que, portanto, cada ação social possui representatividade não só em relação a quem a pratica como também para quem observa, já que criamos sistemas de significados que regulam os comportamentos, relacionando-os entre si. Tais sistemas de significados nos permitem interpretar as nossas próprias ações e as ações alheias. Em conjunto, tais ações constituiriam nossas culturas (p. 15). O autor nos alerta para a “revolução cultural” que vem ocorrendo desde o século XX e que se expande em larga escala por meio das tecnologias da informação:

a cultura tem assumido uma função de importância sem igual no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade moderna tardia, aos processos de desenvolvimento do meio ambiente global e à disposição de seus recursos econômicos e materiais. Os meios de produção, circulação e troca cultural, em particular, têm se expandido, através das tecnologias e da revolução da informação. (Hall, 1997, p. 16)

Nessa nova forma de organização mundial globalizada a mídia possui um papel fundamental, pois é a responsável pela compressão tempo-espaco³, onde tudo acontece aqui e agora; considerando que vivemos em um mundo múltiplo e multicultural, ela introduz mudanças no modo de pensar ao encurtar distâncias, e enreda em sua teia de poder sociedades com diferentes níveis de desenvolvimento, diferentes histórias e diferentes formas de se organizar. Dessa forma, as revoluções culturais vão causando impactos nos modos de viver, sobre os sentidos que as pessoas dão à vida e sobre suas ações para o futuro, provocando uma rápida mudança social, interferindo em hábitos e costumes que definem culturas locais.

3 Harvey (1989).

Hoje, a mídia sustenta os circuitos globais de trocas econômicas dos quais depende todo movimento social de informação, conhecimento, capital, investimento, produção de bens, comércio de matéria-prima e marketing de produtos e ideias. (Hall, 1997, p.16)

Para Hall (1997), uma grande preocupação é a forma desigual e irregular como esses processos se distribuem pelo mundo, pois há muitas consequências negativas nessa expansão rápida de conhecimentos, principalmente quando se exporta a cultura tecnológica superdesenvolvida do ocidente e mina-se a capacidade de povos mais antigos e sociedades em vias de desenvolvimento, ocorrendo o que o autor chama, através de Tomlinson, de “imperialismo cultural”⁴. No entanto, ele não acredita numa homogeneização cultural mundial, já que a cultura global necessita da diferença para prosperar, mesmo que seja para convertê-la em produto de consumo para o mercado mundial (p. 17).

Desta forma, é preciso compreender a cultura, em seu sentido “substantivo”, enquanto algo dinâmico diante das transformações da sociedade. A cultura está incutida na vida social e deve ser compreendida como elemento inerente à formação da identidade humana. A forma como absorvermos os componentes da nova estrutura global, advindos de seus instrumentos de informação é o que permite a expansão, ou retração, das mais recentes formas de pensar do sistema neoliberal. E é aqui que se mostra fundamental a vivência com a cultura em seu sentido epistemológico, que para Kramer (1998) é *parte do processo de construção da cidadania*. Um direito de todos, se nos considerarmos enquanto seres sociais, sujeitos históricos, produzidos na cultura e produtores de cultura. (p. 209).

Kramer nos alerta para a valorização do conhecimento para além da ciência e exalta a importância dos elementos que constituem nosso acervo cultural, que sublinham sua dimensão artística e cultural e que estariam presentes na *literatura, no cinema, na música, na fotografia, na pintura, na escultura, na poesia, na arquitetura* (idem, p. 208).

4 Tomlinson, 1997.

Ainda que ideologicamente marcada, com uma linguagem que sempre tem vieses, a experiência cultural contribui para a formação de crianças, jovens e adultos, pois enraíza, resgata trajetórias e relatos, provoca a discussão de valores, crenças e a reflexão crítica da cultura que produzimos e que nos produz, suscita o repensar do sentido da vida, dos valores da sociedade contemporânea e, nela, do papel de cada um de nós. (ibidem)

Como a sociedade atual valoriza a formação cultural voltada para o desenvolvimento da curiosidade, do reconhecimento da diversidade e da formação do sujeito crítico?

O cenário inicial que estimulou a escrita desse trabalho, a presença dos livros em momentos de lazer das crianças como algo menos relevante, nos provoca uma preocupação quanto à formação cultural das crianças dessa geração. Ceccantini (2009) nos alerta para o fato de que nunca se leu tanto como no século XXI, mas para o autor a cultura literária no Brasil vive em meio a um paradoxo, visto que, apesar do crescente desenvolvimento do mercado editorial no país, nunca se leu tão pouco os clássicos, os quais para o autor seriam considerados os responsáveis por transmitir certo patrimônio cultural de excelência entre as gerações (p. 207).

Considerando que, há menos de um século, 80% da população brasileira seria considerada analfabeta⁵, o cenário referente à venda de livros no Brasil de hoje se torna muito significativo, e em muito a escola e as políticas públicas desenvolvidas neste âmbito, tiveram e têm o que contribuir para isso. Aqui, mais uma vez, ressalto a importância do papel do adulto como mediador na inserção da criança na cultura da leitura. Para Ceccantini, não há “milagres” que façam com que todas as crianças adquiram o hábito da leitura e se tornem leitores assíduos; boas incentivadoras seriam as ações sociais integradas às políticas públicas de leitura (idem, p. 209).

Nesse contexto, deixada de lado uma visão ingênua que, muitas vezes, imaginava a leitura como um caminho espontâneo e natural, percorrido apenas pelos que possuíssem uma “queda”, um “dom” ou um “pendor” para essa atividade, passou-se a um enfoque mais realista da questão, constatando-se que duas instituições – a família e a escola – assumem

5 Ceccantini, 2009, p. 207.

uma dimensão da maior relevância para o desenvolvimento do comportamento leitor da criança, com consequências diretas para a vida do potencial adulto leitor. Assim, cresce a cada dia a consciência geral entre pais, educadores e os responsáveis pelas políticas públicas de leitura quanto à necessidade de uma *mediação* contínua e dinâmica entre a criança e o livro, sempre articulada com um contexto social bastante amplo. (ibidem)

O autor ainda ressalta a importância das “rodas de leitura”, às quais ele nomearia de “hora do conto” ou “animações de leitura”, tão presentes na cultura escolar e que o remete a costumes de antigas sociedades em que os mais experientes sentavam-se junto aos mais jovens ao redor de fogueiras e lhes transmitiam o saber de seus ancestrais, quando ainda nem havia o livro (Ceccantini, 2009, p. 210).

Tal observação me remete à importância que é dada à narrativa por Walter Benjamin, teórico da cultura e da modernidade; para este autor, uma característica do mundo moderno, seria o definhamento da narrativa, o narrador para ele seria alguém que sabe dar conselhos e, dessa forma, destaca a importância da rememoração e da reminiscência. O autor compreende a história como uma narrativa, para ele *o homem se faz fazendo o mundo, e se faz como homem se fazendo na linguagem, processo que só é possível graças à coletividade, ao nós.* (Benjamin, 1987 apud Kramer, 1998, p. 202, 205).

Considerações Finais

Logo, diante do cenário de incertezas quanto à possibilidade das famílias em assegurar o acesso da criança ao livro, torna-se evidente o papel da escola, enquanto formadora de cidadãos reflexivos e críticos, em fomentar a leitura e garantir o acesso a este acervo cultural produzido para as crianças, de todas as idades, em cada sociedade. Reconhecendo neste artigo a função do adulto como forte influente nas culturas infantis, na construção da cultura da criança, penso que por meio da vivência e da experiência da criança com o livro e a literatura, e outros elementos que constituem a cultura e o conhecimento, ampliam-se as possibilidades destes em contribuir na construção de culturas infantis, incentivando sua curiosidade, sempre ancoradas na valorização do humano e no respeito às diferenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CECCANTINI, João Luís. Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; RÖSING, Tania M. K. (orgs.). **Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores**. – 1. ed. – São Paulo: Global, 2009. (p. 207-231)

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Tradução: Lia Gabriele Regius Reis. Ed. Artmed. Porto Alegre. 2011.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

KRAMER, Sonia. O que é básico na escola básica? Contribuições para o debate sobre o papel da escola na vida social e na cultura. In KRAMER, Sonia e LEITE, Maria Isabel F. Ferreira (orgs.). **Infância e produção cultural**. Campinas – São Paulo. Papyrus. 1998.

KRAMER, Sonia. Produção cultural e educação: algumas reflexões críticas sobre educar com museus. In KRAMER, Sonia e LEITE, Maria Isabel F. Ferreira (orgs.). **Infância e produção cultural**. Campinas – São Paulo. Papyrus. 1998.

MARCHI, Rita de Cassia. As Teorias da Socialização e o Novo Paradigma para os Estudos Sociais da Infância. **Educação e Realidade**. Porto Alegre. (34) 1. p. 227-246. jan/abr. 2009.

SARMENTO, M.J. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003.

SOBRE O AUTOR/ AS AUTORAS:

Priscila de Oliveira Dornelles

Possui graduação em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pós-graduação lato-sensu em Dificuldades de Aprendizagem pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e atua como professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental no Colégio Pedro II.

Paulina de Almeida Martins Miceli

Possui graduação em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, especialização em Administração Escolar pela UFRJ e Psicomotricidade pela Universidade Cândido Mendes. Atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e atua como professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental no Colégio Pedro II.